Revista Diversidade e Educação

"PROFESSORA, TEM QUE VIR DE SAIA?": DOCÊNCIA FEMINISTA, LESBIANIDADES E A PRODUÇÃO DE FISSURAS NAS NORMAS DE GÊNERO SEXUALIDADE NO ENSINO DA DANÇA

PROFESORA, ¿TENGO QUE USAR FALDA?": DOCENCIA FEMINISTA, LESBIANIDADES Y LA PRODUCCIÓN DE RUPTURAS EN LAS NORMAS DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA ENSEÑANZA DE LA DANZA

"PROFESSOR, DO I HAVE TO WEAR A SKIRT?": FEMINIST PEDAGOGY, LESBIANITIES, AND THE PRODUCTION OF FISSURES IN GENDER AND SEXUALITY NORMS IN DANCE EDUCATION

Joice Gottardo de Jesus[1]
Erineusa Maria Da Silva[2]
Mauricio Dos Santos De Oliveira[3]

RESUMO
O artigo discute a produção de fissuras das normas de gênero e sexualidade no ensino da dança, a partir das reflexões de uma docente no componente curricular "Conhecimento e metodologia do ensino da dança", em um curso de licenciatura em Educação Física. O estudo investiga de que modo práticas pedagógicas fundamentadas em perspectivas feministas podem impactar o ensino da dança na formação inicial. A pesquisa fundamentou-se, teórico-metodologicamente, nos estudos socioculturais da Educação Física, gênero e sexualidade articulados com os estudos sobre as danças. Como recorte metodológico, foi desenvolvido um estudo de caso, no qual os dados foram produzidos por meio de observações, análise documental e entrevistas com a docente no início e no final do semestre. Os resultados revelam que, ao romper com os estereótipos de gênero e

[1] Mestra em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil.
[2] Doutora em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil.
[3] Doutor em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

sexualidade, o componente curricular possibilitou que as danças fossem desenvolvidas em um espaço educativo, acolhedor e emancipador.
PALAVRAS-CHAVE: Docência feminista. Dança. Gênero. Sexualidade.

RESUMEN
El artículo analiza la producción de fisuras en las normas de género y sexualidad en la enseñanza de la danza a partir de las reflexiones de una docente en el componente curricular "Conocimiento y metodología de la enseñanza de la danza", en una licenciatura en Educación Física. El estudio investiga cómo prácticas pedagógicas basadas en perspectivas feministas pueden impactar la formación inicial. Se fundamenta teórico-metodológicamente en los estudios socioculturales de la Educación Física, género y sexualidad, articulados con los estudios de la danza. Como recorte metodológico, se desarrolló un estudio de caso, con datos producidos mediante observaciones, análisis documental y entrevistas a la docente al inicio y al final del semestre. Los resultados muestran que, al romper con estereotipos de género y sexualidad, el componente posibilitó desarrollar la danza en un espacio educativo acogedor y emancipador.
PALABRAS-CLAVE: Enseñanza feminista. Danza. Género. Sexualidad.

ABSTRACT
The article analyzes the production of fissures in gender and sexuality norms in dance, based on the reflections of a teacher in the course "Knowledge and Methodology of Dance Teaching" within a Physical Education teacher education program. The study investigates how pedagogical practices grounded in feminist perspectives can impact dance teaching in initial teacher training. It is theoretically and methodologically based on sociocultural studies in Physical Education, gender, and sexuality, articulated with dance studies. As a methodological approach, a case study was conducted, with data produced through observations, document analysis, and interviews with the teacher at the beginning and end of the semester. The results show that, by breaking with gender and sexuality stereotypes, the course enabled dance to be developed in a welcoming, and emancipatory educational space.
KEYWORDS: Feminist Teaching. Dance. Gender. Sexuality.

* * *

Introdução

Ser professora de Educação Física envolve uma trajetória marcada por experiências e referências construídas desde a vivência escolar, que influenciam a compreensão inicial da docência. Antes mesmo da formação universitária, o contato com a escola, desde a educação infantil, já nos apresenta modelos do que significa "ser professora". Esses modelos não surgem apenas como inspiração positiva e, muitas vezes, constituem também aquilo que não desejamos reproduzir. Assim, quando ingressamos na

universidade, não chegamos como uma folha em branco, pois trazemos marcas, experiências, gestos, discursos e práticas que moldam nossa compreensão inicial da docência.

Essa trajetória prévia faz com que muitos/as estudantes da licenciatura em Educação Física acreditem já saber o que é ser professora, baseando-se exclusivamente nas referências acumuladas ao longo da vida escolar. No entanto, a formação docente exige mais do que a repetição de modelos vivenciados. No ensino superior, cabe ao/à docente lidar com esse repertório prévio, tensioná-lo, ampliá-lo e, muitas vezes, desconstruí-lo, possibilitando aos futuros/as professores/as uma compreensão crítica e reflexiva da profissão.

Essa tarefa não é simples, sobretudo quando se compreende a docência como um trabalho complexo e atravessado por múltiplas determinações sociais, políticas e econômicas. Conforme discute Maria Emília Pereira Silva (2012), na obra *"A metamorfose do trabalho docente complexo"*, a educação, no contexto contemporâneo, passou a integrar a lógica de produção capitalista, tornando-se uma esfera rentável e, portanto, mercantilizada. Nesse cenário, o trabalho docente passa a ser tensionado por interesses que ultrapassam o compromisso com a formação humana, aproximando-se das exigências do mercado.

Quando se trata da experiência docente de mulheres, a análise torna-se ainda mais complexa, uma vez que o trabalho pedagógico é atravessado por relações de gênero e sexualidade historicamente constituídas. Nesse sentido, não é possível compreender a docência feminina sem considerar os processos históricos que normatizam e regulam a presença das mulheres na educação e, mais especificamente, no magistério.

Para compreender melhor, é importante retomar o contexto histórico da feminização do magistério no Brasil, segundo Guacira Lopes Louro (2003) especialmente a partir do final do século XIX e início do século XX, quando a expansão da instrução pública elementar passou a demandar um número maior de docentes. Nesse período, as mulheres foram progressivamente incorporadas ao ensino, não apenas por serem consideradas mais "aptas" ao cuidado e à educação das crianças, mas também por representarem uma mão de obra mais barata e disciplinada. O trabalho feminino fora do lar era frequentemente concebido como transitório, subordinado ao casamento e à maternidade, em consonância com o ideal da domesticidade. Assim, a docência foi

socialmente construída como uma ocupação "aceitável" para as mulheres, desde que alinhada a valores como cuidado, abnegação e moralidade.

Nesse processo, as representações sobre as professoras, em grande medida produzidas por discursos masculinos, contribuíram para a consolidação da imagem da "professora solteirona": uma mulher inteiramente dedicada à escola, cuja vida pessoal e afetiva deveria ser silenciada ou invisibilizada. Tal construção não apenas promove a dessexualização dessas mulheres, mas também regula suas possibilidades de vivenciar a sexualidade, sobretudo quando esta escapa à norma heterossexual. Dessa forma, professoras que tensionam esse modelo, ao reivindicarem autonomia, questionarem padrões de feminilidade ou assumirem identidades dissidentes, como a lesbianidade, são historicamente posicionadas como desviantes ou ameaçadoras à ordem social Louro (2003).

A noção de heterossexualidade compulsória permite compreender como a docência feminina também é atravessada por expectativas normativas sobre sexualidade. Adrienne Rich (2012) propõe esse conceito como uma instituição política que ultrapassa a compreensão da heterossexualidade enquanto uma orientação sexual individual ou uma expectativa social difusa. Para a autora, a heterossexualidade é produzida e mantida por estruturas sociais que organizam relações de poder, sustentando a dominação masculina e a subordinação das mulheres. Ao ser apresentada como natural, universal e inevitável, essa norma oculta os mecanismos históricos, culturais e institucionais que regulam as possibilidades de existência das mulheres.

Nesse sentido, a presença de professoras no espaço escolar esteve historicamente vinculada à expectativa de uma feminilidade heterossexualizada. No campo da docência, essa norma opera por meio de discursos e práticas que produzem determinadas formas de feminilidade como adequadas ao papel de professora, regulando visibilidades, comportamentos e possibilidades de existência. Assim, a heterossexualidade compulsória atua como um regime político que naturaliza a heterossexualidade como padrão dominante e marginaliza experiências que escapam dessa norma Rich (2012).

A invisibilidade da existência lésbica não constitui um fenômeno isolado, mas integra um processo histórico e sistemático de apagamento produzido pela heterossexualidade compulsória. Ao compreender a heterossexualidade como uma instituição política que sustenta relações de poder e a dominação masculina, Rich (2012) evidencia que as experiências e os vínculos entre mulheres foram historicamente

marginalizados, frequentemente tratados como invisíveis, desviantes ou como uma exceção à norma heterossexual. Desse modo, a heterossexualidade compulsória não atua apenas incentivando a heterossexualidade como padrão dominante, mas também limitando o reconhecimento de outras formas de desejo e afetividade.

Essa perspectiva permite compreender como, no contexto escolar, as lesbianidades podem ser silenciadas enquanto possibilidades de existência docente. O apagamento das lesbianidades no espaço escolar revela a permanência desses mecanismos normativos que regulam quais corpos, sujeitos e formas de vida são reconhecidos como legítimos.

Discutir, portanto, a trajetória de uma docente feminista implica reconhecer que os espaços institucionais estão longe de serem espaços neutros, constituindo-se como territórios de controle, regulação e também de disputa sobre os corpos, as sexualidades e as formas legítimas de ser mulher e professora.

Essa discussão histórica dialoga diretamente com o título deste artigo "Professora, tem que vir de saia?" ao refletir sobre como a sexualidade e a feminilidade das mulheres continuam sendo reguladas por expectativas heteronormativas. Ao problematizar normas relacionadas ao corpo, à vestimenta e à expressão da feminilidade no contexto do ensino da dança na formação inicial em Educação Física, o estudo revela a existência de estereótipos que atravessam o cotidiano educacional.

Por outro lado, ao desenvolver práticas pedagógicas que incorporam discussões sobre gênero, diversidade e lesbianidades, a docente investigada tensiona esses padrões e produz fissuras nas normas que historicamente estruturam a educação. Nesse movimento, a sala de aula deixa de ser apenas um espaço de reprodução social e passa a se constituir como um lugar de problematização, resistência e possibilidade de transformação.

Na formação de professores/as de Educação Física, incorporar essa discussão possibilita reconhecer como as normas de gênero e sexualidade atravessam as práticas corporais, como a dança. Ao questionar essas normas, abre-se espaço para a subversão e ampliação das formas de viver o gênero e a sexualidade, valorizando as lesbianidades como experiências legítimas e potentes de resistência e transformação.

Assim, a partir das reflexões de uma docente feminista experiente, esta pesquisa teve como objetivo analisar suas experiências com os atravessamentos de gênero e sexualidade no processo de ensino-aprendizagem das danças, especificamente no componente "Conhecimento e Metodologia do Ensino da Dança" do curso de

Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, de modo a oferecer perspectivas sobre as metodologias adotadas e possíveis lacunas na preparação dos/as estudantes, contribuindo para o aprimoramento da formação docente nesse campo.

Por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo revelam-se aspectos subjetivos e práticos que são essenciais para entender o ensino-aprendizagem das danças, que não são capturados por abordagens quantitativas. Esse estudo amplia a compreensão sobre a importância das danças na formação de futuros/as professores/as de Educação Física e aponta caminhos para melhorar as práticas pedagógicas, incentivando uma reflexão crítica sobre os modelos de ensino e seu impacto na prática profissional.

Procedimentos Metodológicos

Este artigo constitui um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado *stricto sensu*, de abordagem qualitativa. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo de caso instrumental, realizado no componente curricular *Conhecimento e Metodologia do Ensino da Dança*, ofertado a uma turma do terceiro período do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES).

A pesquisa foi organizada em formato de coletânea de artigos, resultando na produção de três capítulos que compõem o corpo analítico do estudo. Cada capítulo aborda uma dimensão específica do objeto investigado, articulando diferentes recortes empíricos e analíticos relacionados às experiências com a dança na formação inicial em Educação Física, com ênfase nas questões de gênero e sexualidade.

Em consonância com Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (2009), a opção pela abordagem qualitativa justifica-se por sua adequação ao estudo de aspectos da realidade social que não podem ser reduzidos a dados numéricos, exigindo uma interpretação aprofundada das interações, significados e processos socialmente construídos. Nessa perspectiva, a investigação buscou compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, explorando as múltiplas dimensões envolvidas na construção dos saberes em dança e suas intersecções com gênero e sexualidade.

Do ponto de vista teórico, o estudo fundamenta-se nas contribuições dos estudos de gênero e das perspectivas feministas de Judith Butler, Raewyn Connell, Guacira Lopes

Louro e Adrienne Rich . A revisão bibliográfica contemplou produções já publicadas, incluindo artigos científicos, livros, dissertações e teses, conforme aponta Antônio Joaquim Severino (2007), articulando categorias teóricas consolidadas no campo de investigação.

A produção dos dados ocorreu por meio da triangulação de diferentes fontes: análise documental, observação e entrevistas semiestruturadas. A análise documental contemplou o plano de ensino e o programa da disciplina. As observações foram realizadas ao longo de 15 semanas, totalizando 60 horas de acompanhamento das aulas, com registros sistemáticos das interações, práticas pedagógicas e dinâmicas desenvolvidas no contexto investigado. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 33 estudantes e com a docente responsável pela disciplina, em dois momentos: no início e ao final do semestre letivo.

A organização da pesquisa em formato de coletânea de artigos resultou, portanto, em três capítulos articulados entre si, os quais analisam diferentes dimensões das experiências com a dança na formação inicial em Educação Física, com ênfase nas questões de gênero e sexualidade. O presente artigo corresponde ao terceiro recorte, que problematiza o ensino das danças na formação inicial em Educação Física a partir das reflexões de uma professora, ampliando o debate sobre gênero e sexualidade no contexto formativo.

Para a construção deste artigo, foram privilegiados os dados oriundos das entrevistas realizadas com a professora responsável pela disciplina *Conhecimento e Metodologia do Ensino da Dança*. A escolha desse material justifica-se pela possibilidade de compreender, a partir da narrativa docente, as concepções, escolhas pedagógicas e estratégias mobilizadas no desenvolvimento da disciplina, especialmente no que se refere às discussões sobre gênero, sexualidade e processos de normatização presentes no ensino da dança.

Para a produção dos dados, foi escolhida a entrevista semiestruturada que, conforme Antonio Nelson Silva Triviños (1987), permite aos participantes se expressarem com maior liberdade, ao mesmo tempo em que possibilita ao/a entrevistador/a realizar questionamentos adicionais, conforme necessário.

Após a produção dos dados, a análise foi conduzida de maneira sistemática, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados

propostas por Laurence Bardin (2011). A análise temática foi escolhida como técnica de categorização, o que permitiu identificar os núcleos de sentido e a frequência com que certos temas apareciam nos dados coletados. A análise visou extrair informações significativas, facilitando a inferência e interpretação dos dados.

A pesquisa também levou em consideração os aspectos éticos envolvidos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CAAE: 70921523.8.0000.5542).

Perfil da docente e sua trajetória profissional

A docente entrevistada é formada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Nessa instituição, a formação inicial ocorreu na modalidade de licenciatura plena, a qual foi concluída no ano 2000. Após a graduação, buscou aprofundar os seus conhecimentos com o mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), localizada em Niterói, Rio de Janeiro.

Essa formação continuada, supracitada, foi apenas o início de uma trajetória de especialização, pois a docente seguiu para o doutorado também na UFF, mas, desta vez, com ênfase nas áreas de Sociologia e Direito. Esse percurso acadêmico revela uma busca constante por ampliar sua visão crítica e interdisciplinar, consolidando sua formação não apenas na Educação Física, mas também em áreas que dialogam com as questões sociais e jurídicas.

Atualmente, a docente entrevistada leciona disciplinas voltadas tanto para a licenciatura quanto para o bacharelado, com foco no ensino das danças e suas metodologias. No curso de licenciatura, a docente ministra "Ensino e Metodologia do Ensino das Danças", que contempla um conteúdo essencial para a formação de futuros/as docentes de Educação Física, e orienta os/as estudantes a refletirem sobre as abordagens e práticas pedagógicas no ensino das danças. Já no bacharelado, sua atuação abrange o componente curricular "Fundamentos da Dança".

A dança como prática pedagógica feminista na formação docente

A problematização da insuficiência de preparo para ensinar dança na formação docente em educação física, para lidar com questões relacionadas à violência de gênero e sexualidade evidencia um campo ainda marcado por lacunas que contribuem para a manutenção de desigualdades no contexto escolar. Em contraposição, as pedagogias feministas emergem como uma perspectiva crítica que não apenas denuncia tais assimetrias, mas também propõe a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e a justiça social. Ao reconhecer que meninas e mulheres vivenciam condições desiguais em relação a meninos e homens nas instituições educacionais, essas abordagens tensionam os modos tradicionais de ensinar e aprender, convocando os/as docentes a refletirem sobre suas práticas e os discursos que produzem e reproduzem Louro (2003).

Segundo Butler (2018), a performatividade de gênero refere-se ao processo pelo qual as normas de gênero são reiteradas e incorporadas pelos sujeitos por meio da repetição contínua de práticas, discursos, gestos e comportamentos socialmente regulados. É nesse movimento reiterativo que a normatividade de gênero opera, produzindo e legitimando determinadas formas de masculinidade e feminilidade como se fossem naturais e estáveis. Assim, a performatividade não corresponde a uma escolha individual ou a uma representação consciente de um papel social, mas ao modo como as normas atuam sobre os corpos e constituem os próprios sujeitos de gênero. A repetição dessas normas produz a aparência de uma identidade fixa, embora essa estabilidade seja constantemente construída e mantida pelos mecanismos sociais que regulam quais expressões de gênero são reconhecidas como legítimas.

Nesse cenário, a formação docente passa a ser compreendida como um espaço estratégico de problematização e transformação, no qual experiências pedagógicas concretas, especialmente aquelas que envolvem o corpo, podem contribuir para a desconstrução de normas de gênero e sexualidade naturalizadas. É nesse sentido que a fala da docente, ao abordar o ensino da dança, explicita como práticas cotidianas podem tanto reproduzir quanto tensionar lógicas patriarcais, abrindo possibilidades para a construção de outras formas de atuação pedagógica:

> *Então, a minha área especificamente trabalha muito com a dança, né? Agora tratando da questão da área específica, porque é o corpo, então tocar o corpo da mulher numa dança de salão, por exemplo, é uma reflexão em que medida que você está conduzindo essa "dama" significa que isso na perspectiva patriarcal você é o homem que conduz a mulher? Como é que a gente quebra esse paradigma? Ah, você está fazendo uma dança... ela é específica para o homem ou ela é específica para a mulher? Existe dança específica para homem, dança específica para a mulher? Então, a gente vai desconstruindo muito esses parâmetros e pensando como é que essas discussões, na verdade experiências na sala de aula, podem ajudar o estudante a ir construindo, desconstruindo e reconstruindo esse lugar dele de professor que vai dar com todas essas questões quando ele estiver na escola (Docente).*

O fragmento acima, evidencia a importância de problematizar os papeis de gênero e sexualidade presentes nas práticas corporais, como as danças, especialmente no contexto da formação docente. Ao refletir sobre normas patriarcais, como a ideia do homem que conduz e da mulher que segue, o discurso propõe uma desconstrução crítica desses padrões, incentivando experiências pedagógicas que levem os/as futuros/as professores/as a repensarem estereótipos e a promoverem uma educação mais igualitária e sensível às questões de gênero.

As danças de salão, historicamente, estruturam-se a partir de uma matriz heteronormativa, na qual os pares são, em geral, constituídos por um homem e uma mulher, organizados respectivamente em papeis fixos de condução e seguimento. Nessa lógica, atribui-se ao homem a função de conduzir, enquanto à mulher cabe responder aos comandos, configurando uma dinâmica que materializa e reforça hierarquias de gênero. Tal organização não é neutra, pois ela expressa e reproduz uma racionalidade patriarcal que associa masculinidade ao controle e feminilidade à passividade.

A partir de uma perspectiva feminista, essas convenções passam a ser tensionadas, abrindo espaço para a problematização dos papeis corporais, das formas de interação e da própria ideia de "casal" como unidade necessariamente heterossexual. Ao deslocar a centralidade do par homem-mulher e questionar a naturalização da condução masculina, práticas pedagógicas no ensino da dança podem produzir fissuras na lógica heteropatriarcal, possibilitando experimentações mais plurais, horizontais e inclusivas.

Adrienne Rich (2012), argumenta que a heterossexualidade opera como um regime político que produz efeitos subjetivos profundos, ao restringir as possibilidades de existência e aprisionar mulheres em roteiros sociais preestabelecidos. No âmbito da docência, tais imposições se manifestam na exigência de adequação a padrões

hegemônicos de feminilidade e sexualidade, o que frequentemente resulta no silenciamento, na invisibilização ou na vivência limitada de identidades dissidentes.

A pedagogia feminista, segundo Louro (2003), emerge como uma proposta crítica e transformadora dentro do campo educacional, desafiando as estruturas tradicionais de ensino e abordando as desigualdades de gênero presentes nas instituições escolares. Essa abordagem busca não apenas questionar as normas que perpetuam a discriminação de gênero, mas também propor práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as experiências e conhecimentos das meninas e mulheres, muitas vezes, marginalizados no ambiente educacional Louro (2003).

O que é um casal? Duas mulheres podem ser um casal?

A fala da docente revela um deslocamento importante: de uma postura inicial de permissão para uma ação pedagógica intencional de problematização das normas que estruturam a dança. À luz das contribuições de Butler (2018), é possível compreender esse movimento como um processo de questionamento da matriz heteronormativa que define, de forma aparentemente natural, quem pode dançar com quem e o que constitui um "casal". Vejamos o que ela disse:

> *(...) alguém perguntou: 'Professora eu não quero dançar com ele (uma estudante), eu quero dançar com a minha namorada'. Eu falei problema nenhum. E, aí, eu comecei a perceber que era necessário não só permitir que ela dançasse com a sua namorada, mas criar um espaço na sala de aula para que isso fosse uma desconstrução (...) as meninas dançam muito com as meninas (...) o que é um casal? (...) Duas mulheres podem ser um casal?(Docente).*

Quando a estudante manifesta o desejo de dançar com sua namorada, mesmo em um contexto de rompimento da relação, sua fala evidencia que a presença de outra mulher como parceira afetiva e de dança poderia ser compreendida como algo problemático ou fora da norma esperada. Ao expressar esse desejo, ela tensiona a expectativa de uma composição de pares fundamentada na heterossexualidade, revelando que essas normas não são naturais ou universais, mas socialmente construídas e reiteradas por meio de práticas e discursos, conforme argumenta Butler (2018).

Essa situação também pode ser compreendida a partir das contribuições de Rich (2012), para quem a heterossexualidade não deve ser entendida como uma escolha realizada em um contexto neutro, mas como uma norma sustentada por pressões sociais, culturais, econômicas e institucionais. A heterossexualidade compulsória opera por meio de estruturas como o casamento, a religião, a produção cultural e literária, além de formas de dependência econômica feminina, organizando modos legítimos de viver o desejo e os vínculos afetivos. Portanto, trata-se de um sistema político e socialmente estruturado, e não de uma expectativa natural ou aleatória.

A reação inicial da docente, ao dizer "problema nenhum", ainda se situa no campo da autorização dentro de uma norma pré-existente. No entanto, ao perceber a necessidade de transformar essa situação em uma discussão coletiva, ela avança para uma prática que tensiona e desestabiliza essas normas.

A experiência da docente evidencia a emergência de reconhecer as experiências lésbicas no espaço pedagógico, tensionando a lógica heteronormativa que historicamente estrutura as práticas corporais, especialmente as danças de salão. Mais do que "permitir" a participação, a docente propõe a construção ativa de um ambiente que legitima vínculos afetivos entre mulheres, questionando a naturalização do casal heterossexual como única possibilidade legítima. A docente entrevistada, também apontou como a realidade vem sendo tensionada por práticas pedagógicas que reconhecem e valorizam a diversidade:

> *(...) a temática de gênero está presente o tempo todo, o tempo todo. Então, assim, estou dando o conteúdo das danças de salão. Tá lá gênero, porque ele vai tocar a mulher, ele vai conduzir. Então, na disciplina a gente não trabalha mulher e homem. (...) eu fico muito atenta aos estudantes e eu fui percebendo que as minhas disciplinas tinham muito LGBTQIA+. Hoje você vê as minhas aulas, os meninos dançam muito com os meninos e as meninas dançam muito com as meninas, pra gente ir reconstruindo esse lugar, que também remete às duplas, o que é um casal? É um homem e uma mulher que é um casal? Dois homens podem ser um casal? Duas mulheres podem ser um casal? Então, um pouco isso, mas também sempre repensando o fato de um menino dançar com outro menino também não vai colocar ele na caixa de que ele é LGBTQIA+, por causa disso. Então, a gente está sempre atento a isso na sala de aula, mesmo a questão de se permitir o contato com outro (Docente).*

Esse trecho revela uma abordagem pedagógica sensível e crítica em relação às normas de gênero e sexualidade nas práticas corporais, especialmente no contexto das danças de salão. Louro (2003) destaca a importância de questionarmos não apenas o conteúdo que ensinamos, mas também a forma como o fazemos e os significados que

nossos/as alunos/as atribuem ao que aprendem. Além disso, a autora propõe que sejam desafiadas até mesmo as teorias que fundamentam nossa prática, incluindo aquelas que, muitas vezes, são consideradas "críticas".

A partir da reflexão de Butler (2018), compreende-se que os gêneros considerados “inteligíveis” são aqueles que obedecem a uma lógica de continuidade e coerência entre sexo biológico, gênero, desejo e práticas sexuais. Identidades que rompem com essa norma são frequentemente marginalizadas, já que as próprias estruturas sociais e culturais produzem e reforçam o que é tido como fora da norma. Essa lógica normativa, que regula e limita as possibilidades de expressão de gênero e sexualidade, está diretamente associada ao conceito de heteronormatividade, que legitima apenas as formas de existência alinhadas a uma matriz binária e heterossexual.

Essa normatividade se manifesta de forma evidente nas danças de salão, nas quais a organização tradicional estabelece papeis fixos de condução e acompanhamento atribuídos, respectivamente, a homens e mulheres. Esse modelo reforça uma divisão binária e hierárquica dos gêneros, alinhando-se à ideia de coerência entre sexo e papel social.

Em contraponto a essa normatividade, a fala da docente revela um esforço ativo de desconstrução desses padrões dentro do ambiente educativo, especialmente ao questionar a noção tradicional de “casal”. Ao promover um espaço pedagógico que valoriza a pluralidade de expressões de gênero e sexualidade, a docente rompe com os modelos normativos e contribui para uma formação em dança mais crítica, sensível e alinhada às realidades contemporâneas.

Professora tem que vir de saia? … eu sou casada com outra mulher, eu só uso calça.

No universo da dança, o corpo é o principal meio de expressão e, portanto, atravessado por normas sociais que impõem padrões sobre como se deve mover, vestir ou se comportar de acordo com expectativas de gênero e sexualidade.

Assim, promover a inclusão significa romper com classificações rígidas e dicotômicas como: masculino/feminino, heterossexual/homossexual, normal/desviante, que reduzem a complexidade das experiências humanas e reforçam práticas de exclusão. Ao invés disso, é necessário criar espaços pedagógicos na dança que acolham a diversidade e favoreçam o exercício da cidadania, permitindo que cada pessoa se expresse

livremente e participe ativamente da construção de uma sociedade mais justa e igualitária Silvana Vilodre Goellner (2010).

> *(...) Eu tive uma disciplina, há muitos anos, e que eu comecei a perceber homofobia entre os colegas: "ah, bixinha". E, aí, eu comecei a ter a necessidade de transformar a disciplina em alguns momentos em espaços de discussão de conversa sobre isso. Então, a partir daquele momento a disciplina já vem com esse foco. Através dos textos que a gente trabalhou, os convidados debatem, mas também nas próprias aulas, na minha própria metodologia provoca isso, quando eu disse: “olha, aqui não é homem e mulher!” mas pessoas pessoas conduzidas e pessoas condutoras. Então, quando eu falo da questão do respeito ao corpo do outro, da mulher: “Convide com respeito”(...) então, todo movimento é o cuidado e o respeito com o outro na dimensão da violência de gênero. (...) da questão de olhar, por exemplo, parece simples, mas quando você está dizendo: "olha, vai ter a prova prática, tem que vir arrumado". “Professora tem que vir de saia?" Eu já ouvi várias perguntas assim. Eu falei: "Você usa saia” “Não professora, eu sou casada com outra mulher, eu só uso calça". “Então, por que que na prova você teria que usar saia?” Entende? Então, tudo isso aí é mostrando um pouco desse universo de constrangimento que estudantes talvez estejam passando em outras disciplinas, porque tenham que usar isso para se adequar à disciplina. Então, na dança a gente sempre trabalha essa dimensão de pensar a possibilidade. E acho que o marco foi o encerramento da disciplina, onde nos planejamentos, que foi o semestre que encerrou, no planejamento a gente fez a opção de trabalhar com a temática de gênero em que cada um tinha que, a partir disso, pensar como que ia produzir o cartaz, uma chamada de palavras de ordem e coreografia que tematizam questões de violência de gênero (...) (Docente).*

Esse trecho revela a busca consciente da docente para transformar o ensino das danças em um espaço de reflexão. A fala da entrevistada destaca como ela foi confrontada com a homofobia entre os estudantes e, a partir desse momento, decidiu utilizar sua disciplina como um ambiente de discussão sobre respeito ao corpo e à identidade do outro, ao invés de reforçar normas rígidas de gênero.

De acordo com Butler (2018), as identidades de gênero, sexo e sexualidade são reguladas por normas culturais que estabilizam essas categorias. Quando indivíduos não se conformam com essas normas, seu gênero é visto como "incoerente" ou "descontínuo". Butler explica que os gêneros considerados "inteligíveis" são aqueles que mantêm uma continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejos. Em contrapartida, as descontinuidades e incoerências, embora proibidas pelas normas vigentes, acabam sendo constantemente produzidas por essas mesmas regras, que buscam estabelecer uma conexão entre o sexo biológico, o gênero cultural e a expressão do desejo sexual.

Além disso, a intervenção pedagógica vai além das aulas, ao trazer a reflexão sobre temas como violência de gênero, não apenas por meio de textos e debates, mas também em suas próprias metodologias, ao convidar os/as estudantes a repensarem normas como a exigência de trajar saia em provas práticas. Esse momento expõe o desconforto e o constrangimento enfrentado por aqueles/as que não se adequam aos padrões de gênero impostos, evidenciando como esses estigmas podem se manifestar em diferentes disciplinas.

O exemplo citado pela docente sobre a prova prática, onde uma estudante questiona a exigência do uso de saia por uma questão de identidade, ilustra a maneira como normas tradicionais de gênero podem limitar a liberdade de expressão dos/as estudantes. Ao final, o fechamento da disciplina com uma atividade que exige dos/as alunos/as a criação de materiais artísticos que abordem a violência de gênero demonstra uma tentativa de fazer das danças um veículo para transformar a realidade dos/as alunos/as, promovendo a reflexão e ação críticas sobre as construções sociais de gênero.

O relato apresentado também evidencia como a educação, especialmente no campo das danças, pode atuar como ferramenta potente para questionar e subverter normas de gênero e sexualidade, promovendo espaços mais inclusivos, críticos e sensíveis às diversidades. A atuação da docente vai além do ensino técnico, ao incentivar reflexões sobre as estruturas sociais que moldam comportamentos e relações de poder. Como destaca Risner (2007), a educação em dança tem potencial transformador ao romper com normas de gênero hegemônicas, que limitam as expressões identitárias e reforçam padrões restritivos, especialmente no que diz respeito ao que se espera dos homens na sociedade.

Considerações Finais

A partir da análise do relato da docente, notamos que o componente curricular "Ensino e Metodologia do Ensino da Dança" torna possível compreender que a docência feminista e a incorporação das lesbianidades no ensino da dança não representam apenas uma inclusão temática, mas um movimento político que desafia a heterossexualidade como norma estruturante. Assim, ao promover práticas pedagógicas que questionam papeis de gênero, sexualidade e legitimam outras formas de relação e existência, a docente

investigada produz fissuras em um sistema historicamente orientado pelo controle dos corpos e das sexualidades das mulheres.

Discutir gênero e sexualidade na formação de professores/as não é apenas uma resposta necessária diante das desigualdades e violências vividas cotidianamente nas escolas; trata-se de um compromisso ético com uma educação verdadeiramente transformadora. As experiências relatadas pela docente, aliadas aos aportes teóricos de autoras como Louro (2003) e Butler (2018), mostram que práticas pedagógicas sensíveis às questões de gênero têm o poder de romper com padrões excludentes, acolher sujeitos historicamente marginalizados e promover uma cultura escolar mais justa e inclusiva.

Apesar dos avanços, a abordagem da temática de gênero na formação docente ainda enfrenta desafios significativos, como: a resistência de estudantes, a persistência de discursos discriminatórios e a naturalização de normas rígidas no ambiente acadêmico. No entanto, o relato da docente demonstra que é possível transformar a prática pedagógica em um espaço de resistência e emancipação, no qual o corpo é reconhecido como lugar de expressão, identidade e enfrentamento político.

Ao questionar exigências normativas, como a imposição de determinadas vestimentas, e propor atividades que discutem, por exemplo, a violência de gênero, o ensino das danças se torna um terreno fértil para a construção de subjetividades mais livres, críticas e conscientes. Essa experiência revela que incorporar a discussão de gênero e sexualidade na formação inicial exige sensibilidade, escuta atenta e coragem para romper com tradições excludentes, abrindo caminho para uma educação comprometida com a justiça social e com o reconhecimento das múltiplas formas de ser, existir e se expressar.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

CONNELL, Raewyn. Políticas de masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.185-206, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas. *Estudos gays:* gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, p.18, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309. Acesso em: 16 mar. 2026.

RISNER, Doug. Rehearsing masculinity: challenging the 'boy code' in dance education. *Dance Education*, Detroit, v.8, n.2, p. 139-153, dez. 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Emília Pereira. *A metamorfose do trabalho docente no ensino superior:* entre o público e o mercantil. Rio de Janeiro, 2012.

TRIVIÑOS, Antonio Nelson Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Revista Diversidade e Educação

Recebido em abril de 2026.

Aprovado em julho de 2026.